

APRESENTAÇÃO

A idéia deste número especial consagrado à Acádia germinou em 2007, nos meses que precederam o nono congresso da Associação Brasileira de Estudos Canadenses, realizado em Salvador, Bahia, em novembro do mesmo ano. Tratava-se de propor aos canadianistas do Brasil um quadro vivo e atual da Acádia de hoje, ou, pelo menos, de uma das regiões mais vitais do Canadá, a das províncias marítimas, onde se concentra a maior parte dos francófonos oriundos do povo acadiano, que remonta à fundação de Port-Royal em 1605. Se por um lado conhecemos bem, no rastro de *Evangeline*, o grande poema narrativo de Longfellow, a história dolorosa do povo acadiano, dispersado nas colônias americanas depois do *Grand Dérangement* de 1755, não nos damos conta de que existe uma Acádia onde se vive ainda em francês. Principalmente concentrada no norte e no leste do Novo Brunswick, bem como nas três maiores cidades dessa província, Moncton, Saint-Jean e Fredericton, sem esquecer de mencionar as regiões da Nova Escócia e da Ilha do Príncipe Eduardo, onde vivem numerosos acadianos, essa Acádia evoca a figura de um arquipélago linguístico e humano onde convivem lado a lado diferentes falares e modos de vida. Simultaneamente rural e urbana, marítima e continental, étnica e cívica, tradicional e moderna, a Acádia de hoje se conjuga no plural: para citar apenas dois exemplos dessa diversidade, convém mencionar a região de Moncton, caracterizada por certa mestiçagem linguística e um modo de vida tipicamente norte-americano, e a península acadiana, no nordeste do Novo Brunswick, cuja população aparece mais homogênea e muito mais voltada para o vizinho quebequense.

É dessa Acádia plural que tratam os textos reunidos neste número. Quatro deles são consagrados à literatura acadiana, compreendida em sua relação com o passado (James de Finney e Hélène Destremes) e o presente (Jean Morency e Raoul Boudreau).

Os outros três textos lançam um olhar mais amplo sobre a sociedade acadiana, seja na perspectiva de sua autonomia cultural (Rodrigue Landry), da evolução de suas representações linguísticas (Annette Boudreau) ou da história de suas construções identitárias (Aline Campos). Eles pintam assim um retrato que, sem ser completo, permite apreender a Acádia através de suas produções simbólicas e imaginárias.

Nubia Jacques Hanciau
Ana Rosa Neves Ramos
Jean Morency